



LUDWIG WITTGENSTEIN: sobre o tratamento dos conceitos psicológicos

*Ludwig Wittgenstein: about the treatment
of psychological concepts*

Bortolo Valle

Doutor em Comunicação e Semiótica, professor do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Filosofia, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), do Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA), e da Faculdade Vicentina (FAVI), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: bortolo.valle@pucpr.br

Resumo

Nos Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie – Remarks on the Philosophy of Psychology (BPPI) escritos entre 1947-1948, Wittgenstein expõe o que ele mesmo chama de “plano para o tratamento dos conceitos psicológicos” (Plan zur Behandlung der psychologischen Begriffe). Destacar os elementos que fazem a caracterização de tal plano significa, também, perceber por extensão de que modo o filósofo compreende a Psicologia. Indicaremos neste trabalho as peculiaridades da indagação wittgensteiniana sobre os conceitos psicológicos e ressaltaremos que a intenção do autor ao descrever o uso dos termos psicológicos difere daquilo que se pode considerar como uma ‘descrição’ usual dos eventos psicológicos tal como frequentemente é feito Psicologia com pretensões científicas.

Palavras-chave: Wittgenstein. Primazia do próprio caso. Filosofia. Psicologia.

Abstract

In Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie – Remarks on the Philosophy of Psychology (BPPI), written between 1947 and 1948, Wittgenstein explains what he has himself called “plan for the treatment of psychological concepts” (Plan zur Behandlung der psychologischen Begriffe). To emphasize the elements that characterize such plan also means to notice, as a consequence, how the philosopher understands the Science of Psychology. In this work we aim at presenting the peculiarities of Wittgenstein’s questions about psychological concepts and we emphasize that the author’s intention, concerning his description of the use of psychological terminology, differs from a usual ‘description’ of psychological events as frequently made by Psychology with scientific pretensions.

Keywords: Wittgenstein. Philosophy. Psychology. Psychological concepts.

A preocupação de Wittgenstein com a Psicologia

No retorno a Cambridge, em 1929, Wittgenstein inicia o que se pode chamar de período de transição em sua atividade filosófica. Depois do *silêncio-ativo* assumido com a conclusão do *Tractatus* (WITTGENSTEIN, 1994b), o filósofo volta ao trabalho e se debruça sobre três campos de investigação. Primeiro retoma as incursões sobre a Filosofia da Linguagem, depois empenha-se em explicitar e aprofundar os contornos da Filosofia da Matemática e, em seguida, começa, para dar corpo, aquilo que mais tarde ficou conhecido como sua Filosofia da Psicologia.

Se existe um “último Wittgenstein”, ele estaria identificado com os novos rumos assinalados pelo autor para a análise da linguagem, na condução dos trabalhos que culminaram em *Investigações Filosóficas*. É a partir deles, tomados como pano de fundo, que a reflexão sobre a matemática elaborada entre 1937 e 1944 faz sentido. Também, é dessa novidade que vemos possível o desenvolvimento de considerações sobre a psicologia iniciadas, provavelmente, a partir da metade dos anos

quarenta¹. Linguagem, Matemática e Psicologia são, portanto, os três grandes campos que, conjugados, não só servem de base, como também elaboram e lançam luz sobre o modo singular como o filósofo reapresenta, na maturidade², sua Filosofia.

É evidente um descompasso nos estudos dedicados a Wittgenstein quando da abordagem desses três campos de interesse. Uma incursão sobre a linguagem tem sido minuciosamente elaborada expondo, quase à exaustão, sua maneira de tratar o significado. O mesmo não se pode afirmar a respeito da Matemática e da Psicologia; carecemos ainda de estudos que explorem suas peculiaridades e nos permitam uma compreensão abrangente de toda a dinâmica que configura suas identidades e suas conseqüentes possibilidades.

No que se refere particularmente à Psicologia, aqui nosso objeto de estudo, só muito recentemente começaram a surgir trabalhos dedicados a explorar o alcance das considerações do filósofo de Viena: aportes sobre a atividade do sujeito psicológico que se estende para além dos limites do cartesianismo, daqueles do behaviorismo e da psicanálise, bem como dos pretensiosos fundamentos de uma Psicologia de tonalidade científica.

As observações realizadas por Wittgenstein a respeito da Psicologia, embora tenham suas origens em meados da década de quarenta, só foram exploradas pela crítica mais tardiamente. Por volta de 1980, as observações do autor feitas como anotações são publicadas, resultando em *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie – Remarks on the Philosophy of Psychology*. Pouco mais tarde, em 1982, surge o primeiro volume de *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie – Last Writings on the Philosophy of Psychology* e nos anos seguintes segue-se o segundo volume. Sabemos, agora, que tanto *Bemerkungen* quanto *Letzte Schriften* estão diretamente vinculados com *Investigações Filosóficas*, obra de referência na fase final do trabalho de Wittgenstein já que grande parte dela foi elaborada no tempo em que o filósofo dava aulas sobre temas de Psicologia. Além disso, quando olhamos atentamente para o conteúdo de *Zettel – Fichas* também é possível extrair dali algumas notas que se incorporam ao conjunto de suas conclusões a respeito da Psicologia. Wittgenstein, nesses textos, inova profundamente o tratamento das questões psicológicas e coloca à disposição

¹ Conforme atestam as notas tomadas por P. Geach, K. J. Shah e A. C. Jackson.

² Tratamos apenas da maturidade cronológica do autor.

dos leitores e estudiosos, material para uma crítica dos recursos que ela utiliza para sua afirmação como ciência empírica.

Especificamente no que se refere a uma análise sobre a Ciência, as considerações de Wittgenstein em seus escritos intermediários e tardios não mereceram por parte dos estudiosos da Filosofia da Ciência atenção mais acurada. Diferentemente do comportamento dispensado por ocasião das consequências do *Tractatus*, principalmente por força das conexões mantidas, pelo vigor da obra, com os pensadores do Círculo de Viena. Sabemos que o filósofo não tinha a intenção de voltar sua reflexão para a atividade científica à maneira de R. Carnap, K. Popper, T. S. Kuhn, I. Lakatos, L. Laudan entre outros. A especificidade de sua análise parte, naqueles textos, precisamente de uma instância prévia que condiciona toda a ciência: *a análise da linguagem* em sua inserção contextual. O enrijecimento da linguagem cede lugar a uma maleabilidade plástica. Os critérios de formalização lógica, embora não sejam eliminados, perdem sua exclusividade. A linguagem deixa sua imagem de espelho assumindo uma dimensão de ferramenta.

A linguagem contextual, de tonalidade pragmática, por influenciar a atividade humana em seu todo, é também o elemento constitutivo da atividade científica. Sob o signo da linguagem contextual, nas últimas décadas do século XX, foi redimensionada a identidade da ciência e, como consequência, também, o tratamento dispensado a elementos de sua organização tais como: o *método*, o *sentido*, a *referência*, etc.; bem como ao estatuto da *verdade presente nos termos e enunciados científicos*. Além disso, suas análises são estendidas à questão que envolve os traços constitutivos de nossas certezas.

Wittgenstein não tem a intenção de tomar a Psicologia como Ciência no sentido tradicional, mas tão-somente de diagnosticar e esclarecer as confusões conceituais nela presente. Seu trabalho consiste, portanto, numa atividade de análise do uso de certos termos empregados na expressão dos conceitos psicológicos. O filósofo olha a Psicologia como um campo também constituído pelo uso da linguagem: seu propósito não é tanto desenvolver um saber empírico, mas realizar uma reflexão filosófica sobre elementos básicos do pretense *corpus* científico da Psicologia. Ele olha como filósofo para a experiência psicológica ordinária (o cotidiano) e compara a experiência ordinária com algumas afirmações procedentes da Ciência Psicológica (com sua estrutura formal). A linguagem ordinária assume papel decisivo no desnudamento dos chamados estados psicológicos. Assim, seus trabalhos estão direcionados para o

esclarecimento conceitual dos termos utilizados na Psicologia, com a tarefa de marcar os contornos da investigação psicológica, bem como de seu objeto e de seus métodos.

Os vínculos entre Filosofia e Psicologia são marcantes. Com efeito, a Psicologia recolhe um grande número de ideias filosóficas sobre, por exemplo, o que é a mente, o que é o comportamento, etc., e também sobre a compreensão mesma da ciência. Para analisar a Psicologia, Wittgenstein parte da Filosofia. Centraliza-se na questão *do Significado* extraído do uso diário da linguagem, problema no qual estão inscritos boa parte de seus comentários sobre a linguagem psicológica. Por isso a tarefa realizada na análise dos usos linguísticos correspondentes aos conceitos psicológicos deve ser entendida desde este ponto de vista. Sua descrição dos usos da linguagem é a pauta oferecida para que se perceba o significado dos termos e enunciados da Psicologia.

Condições para o surgimento da Psicologia, uma abordagem sobre a linguagem: o jogo, a regra e a forma de vida

Wittgenstein, em seus estudos intermediários e tardios, alimentou o desejo de elaborar uma gramática dos conceitos psicológicos. Assim, ao lado de suas incursões sobre a linguagem, sobre a lógica e sobre a matemática, também é possível fazer referência ao que se designa como sua “filosofia do espírito”, ou filosofia da Psicologia. Foi a este tema que o filósofo consagrou a segunda parte de seu livro *Investigações Filosóficas*. No trabalho daquela época, vemos abordadas questões bastante clássicas, tais como: que significa ver? Pensar? Imaginar? Recordar-se? Como devem ser concebidas as relações entre o corpo e o espírito? É possível compreender os outros?

No tratamento de tais questões se pode perceber a singularidade com que o filósofo faz incursões sobre as ideias de W. James e de Köhler, bem como dos psicólogos da Gestalt. No entanto, evidencia-se uma particularidade, um estilo original: concebe uma espécie de psicologia descritiva próxima da fenomenologia, mas da qual não são assumidos nem seu vocabulário e nem tampouco suas concepções. Há uma acuidade particularíssima na escolha de seus objetos de estudo quer se trate da mudança no aspecto de uma figura, no sentido de uma palavra ou no desenvolvimento de um cálculo mental. É no interior de tal singularidade que se pode ver

delimitada, embora não se pode admitir a existência num sentido tradicional, de uma espécie de caracterização de um suposto “sujeito psicológico”.

Sobre que bases apoiar a atividade do “sujeito psicológico”? No desafio assumido para a elaboração da referida gramática dos conceitos psicológico, Wittgenstein recupera o que havia banido no *Tractatus*, ou seja, resgata a expressão da experiência ordinária – a aceitação da linguagem ordinária tal como é praticada no dia-a-dia – e sobre ela sustenta a adequada compreensão dos objetos da Psicologia. Vale alertar: a linguagem ordinária não pode ser concebida senão em termos da linguagem em ação. Assim, o tratamento de um estado psicológico não deve ser retirado, no processo de sua compreensão, do contexto de vida onde é modelado.

Essa conexão permite compreender, primeiro, que a expressão de significado está situada para além do privado, ou seja, a significatividade não pode ser concebida como um produto da mente, como resultado de uma operação privada ou subjetiva, ela é fundamentalmente algo intersubjetivo, por exemplo, não se poderia falar de desejo como coisa privada, nascido de um estado particularíssimo. Em seguida, ela nos mostra, ainda, que a mesma significatividade não é proporcionada pelo objeto a que se refere. Ao buscar o uso de um signo não podemos fazê-lo como sendo resultante de sua coexistência com o objeto, pois, como esclarece o filósofo, o signo obtém seu significado no seio do sistema da linguagem a que pertence³. O estatuto da Psicologia que deve, portanto, orientar a análise gramatical de seus conceitos toma como pressuposto a seguinte convicção: o significado não é nenhum tipo de atividade mental nem se encontra no objeto nomeado, ao contrário, está radicado no uso. Desta forma, a dinâmica dos *Jogos de linguagem*, das *formas de vida* e do *seguimento de regras* são evocados como condição indispensável num quadro onde o *contexto* adquire relevância.

Ao perguntar-se pela fundamentação da linguagem, Wittgenstein esclarece que não podemos conceber a existência de uma categoria conceitual, um conceito chave, de onde ela poderia ser derivada. Não existem os tais super-conceitos⁴. Devemos estar cientes de que só podemos reconhecer que “é assim, de fato que jogamos o jogo”⁵. Evidente, portanto, que a única dimensão que pode ser evocada, para esse exercício, é aquela meramente pragmática. A linguagem não passa

³ WITTGENSTEIN, 1975, p. 5.

⁴ WITTGENSTEIN, 1994a, p. 97.

⁵ WITTGENSTEIN, 1994a, p. 71.

de um fenômeno. Ela não carrega consigo absolutamente nada de particular⁶. Não existe, na concepção de Wittgenstein, aquilo que Kant concebia como uma ordem categorial. Assim sendo, uma experiência psicológica não tem outra origem senão no contexto de um jogo de linguagem, ou seja, sua origem não está associada ou condicionada ao pressuposto de uma estrutura *a priori* da experiência, como aquelas que fazem referência à existência de um sujeito transcendental possuidor de certas categorias. O núcleo da linguagem, sua suposta essência, está constituído tão somente pelos jogos e estes só se esclarecem em seu uso.

O vínculo estreito entre jogo e ação, sustentados pela linguagem, se transforma em uma atividade prática: conhecer uma linguagem implica em dominar uma técnica. O filósofo alerta que, de certo modo, o jogo de linguagem se fundamenta a si mesmo e que, portanto, o próprio jogo – como uma atividade entre tantas outras próprias do homem – fundamenta aquilo que nele se joga. Assim, seu fundamento extralinguístico, se existe, consiste na atividade, na práxis. Assim sendo, os elementos psicológicos devem ser vistos no âmbito do jogo de linguagem e não podem ser tomados como construções científicas desvinculadas do uso ordinário. É no jogo e, somente neles, que se pode buscar compreender o alcance de uma experiência psicológica. Um desejo é um desejo em um determinado contexto.

Vale ressaltar que os jogos possuem em comum o emprego das regras. Esta é uma característica importante, pois, no entendimento de Wittgenstein, podemos nos referir às palavras da linguagem como nos referimos às peças de um jogo de xadrez, ou seja, expondo as regras que revelam o modo de jogar sem, no entanto, descrever suas propriedades físicas. Uma vez que o vínculo entre linguagem e realidade é oportunizado pela gramática, então, o seguimento de regra se torna vital. Obedecer a uma regra é uma prática⁷, o que fica patente quando o autor afirma: “seguir uma regra é análogo a obedecer a uma ordem”⁸ e quando mostra o caráter público da linguagem ao dizer: “pensar que alguém está obedecendo a uma regra não é obedecer a uma regra. Por isso, não é possível obedecer a uma regra privadamente.”⁹ Seguir uma regra pressupõe a conformidade com uma prática intersubjetivamente dada e é isso que determina se eu estou seguindo

⁶ Conforme Gramática Filosófica 138.

⁷ WITTGENSTEIN, 1994a, p. 202.

⁸ WITTGENSTEIN, 1994a, p. 206.

⁹ WITTGENSTEIN, 1994a, p. 202.

tal regra. A regra carece de um apoio que é fornecido pela repetição, como esclarece: “não pode ser que uma regra tenha sido seguida uma única vez por um único homem. Seguir uma regra, fazer, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez são costumes (usos, instituições)”¹⁰. O seguimento de regras não pode nos remeter a regras ulteriores como que procurando por uma justificação última de onde as demais seriam derivadas¹¹, não existe um modelo geral nem *a priori* e nem *a posteriori* para a fundamentação das regras: só na ação a regra se esclarece.

É oportuno notar ainda que a maneira inovadora como Wittgenstein olha para os termos psicológicos leva em consideração que o jogo de linguagem e o seguimento da regra devem ser percebidos no âmbito da *forma de vida*, como indica: “a expressão jogo de linguagem deve aqui realçar o fato de que falar uma língua é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida”¹². O conceito de forma de vida não é preciso em Wittgenstein, no entanto, qualquer pergunta sobre a justificação dos jogos de linguagem e de suas regras nos deve remeter às formas de vida enquanto instâncias presentes. Os conceitos psicológicos se enraízam nas formas de vida e é delas que adquirem sua significatividade. A forma de vida possui o caráter daquilo que *é dado*, de *algo que deve ser aceito* e sobre ela os conceitos psicológicos se sustentam. Não existem formas de vida umas mais verdadeiras que outras, já que o conjunto de reações comuns das regras que surgem da linguagem constituem, a um tempo, a base de sua significatividade e noutro, o limite de sua análise.

A identidade da Psicologia: a refutação da primazia do próprio caso

A linguagem sob perspectiva pragmática, conforme apresentada por Wittgenstein em seus últimos escritos, incide diretamente sobre os fundamentos da Psicologia. A maneira de tomar o significado permite reconsiderar as discussões em torno da *primazia do próprio caso*, enfraquecendo posições filosóficas que alimentam certos enfoques psicológicos tais como o racionalismo, o empirismo, o positivismo, o mentalismo o materialismo e o idealismo.

¹⁰ WITTGENSTEIN, 1994a, p. 199.

¹¹ WITTGENSTEIN, 1994a, p. 217.

¹² WITTGENSTEIN, 1994a, p. 23.

O novo aporte sobre o significado permite repensar tanto a estrutura epistemológica quando aquela metodológica da Psicologia. Além disso, ao elaborar um questionamento sobre o *enfoque egocêntrico*, o filósofo termina por minar os posicionamentos que lhe dão sustento, marcadamente o cartesianismo e o empirismo, fazendo também uma crítica contundente ao *solipsismo* resultante do fenomenismo de natureza kantiana. Wittgenstein se propõe como tarefa dissolver os problemas, por meio da análise linguística, sobre a maneira como foi tratada da primazia do próprio caso.

Em *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein completa a tarefa iniciada em *Blue Book*. Tarefa que consiste no abandono de uma semântica diretamente ligada aos chamados *meus estados de consciência* ou *minhas experiências* no âmbito do sensível para substituí-las por outra concepção de significado na qual as alter-descrições prevaleçam sobre as autodescrições: o mais importante agora não é *o meu próprio caso* como reivindicado tanto pelo racionalismo quanto pelo empirismo. No mesmo compasso, é a partir dessa obra que o argumento analógico sobre as outras mentes entra em crise. Tal argumento defende a possibilidade de que fazer referência a outras mentes (seus estados de consciência, pensamentos, desejos, intenções, etc.) dependeria do fato de poder fazê-lo sobre mim mesmo: eu atribuiria ao outro, por analogia, aquilo que percebo em mim mesmo; o filósofo reconhece a dificuldade intrínseca de generalizar a partir do meu próprio caso.¹³

O desmonte da primazia do próprio caso é talvez o traço mais característico do modo como o autor de *Investigações* concebe a Psicologia. A dissolução daquela primazia encontra eco na crítica da linguagem privada exposta desde o parágrafo 243 de *Investigações*. O desmonte se sustenta em termos semânticos, pois é improvável, segundo a concepção do autor, que alguém possa, considerando sua experiência particular, conferir significado a uma palavra. Ao aceitar a linguagem privada, alguém poderia associar privadamente um nome a um objeto, sendo que seria este objeto quem iria conferir significado ao nome. Uma semântica egocêntrica não nos ajuda. Para esclarecer a questão, Wittgenstein se volta para a consideração de conceitos que se referem às sensações, caso especial referido pelo filósofo à sensação de dor.

Na análise do termo dor, pretende mostrar que a privacidade semântica não é senão uma tentativa de conectar a palavra a um objeto privadamente conforme exposto acima. Esclarece o autor:

¹³ WITTGENSTEIN, 1994a, p. 293.

Pode também conceber-se uma linguagem em que uma pessoa pudesse, para seu próprio uso, tomar nota ou dar uma expressão oral às suas vivências interiores, aos seus sentimentos, estados de espírito, etc.? Não podemos também fazer na nossa? – Mas não é isso o que eu quero dizer. A referência das palavras daquela linguagem deve ser considerada ser aquilo de que só a pessoa que fala pode saber; as suas sensações imediatas, privadas. Assim, uma outra pessoa não pode compreender esta linguagem (WITTGENSTEIN, 1994a, p. 243).

A linguagem privada e o enfoque egocêntrico que o acompanha quando aplicados aos conceitos psicológicos (mais especificamente às palavras com as quais são designadas nossas sensações), mostram que o conhecimento do significado dos termos psicológicos exige que se conheça previamente a própria experiência. Dessa maneira, para conhecer o significado do conteúdo *dor*, só temos à disposição a nossa própria dor uma vez que somente nós mesmos podemos senti-la. Assim, *dor* significa originariamente *minha dor*.

Wittgenstein reconhece que uma sensação privada pode ser analisada tanto sobre o ponto de vista epistêmico quanto sobre o ponto de vista ontológico. No primeiro caso, uma sensação é privada se somente eu a conheço. No segundo, é privada se somente eu a possuo. Quais as consequências que a tornam inviável? Num primeiro momento porque só o sujeito sabe que a possui¹⁴, depois porque são experiências e sensações exclusivas do sujeito¹⁵ e, finalmente, porque só o sujeito é capaz de conhecer o significado que ele mesmo conferiu à palavra para nomear sua sensação.¹⁶ Fica evidente assim, que a defesa da privacidade nos conduz invariavelmente ao solipsismo já que não posso saber o que significa a dor alheia. A privacidade epistêmica implica que eu sei que tenho dor e que ninguém mais pode sabê-lo, mas somente conjecturar.

Wittgenstein reconhece que o significado da palavra dor não pode ser estabelecido por uma experiência privada. Não é possível estabelecer o nome de uma sensação privadamente. A palavra sensação tem um uso público e se define por uma ação. Linguagem privada é aquela que carece de critérios públicos de significação. O filósofo tem consciência de que não se pode negar que é possível uma referência privada quando

¹⁴ WITTGENSTEIN, 1994a, p. 242.

¹⁵ WITTGENSTEIN, 1994a, p. 243.

¹⁶ WITTGENSTEIN, 1994a, p. 302.

fazemos usos das expressões psicológicas. A crítica se reveste de outra profundidade. O que está em jogo é o questionamento sobre a possibilidade de ser conferido um sentido a tais expressões de modo privado. Não é possível imaginar a sensação de outro tomando como ponto de partida minha própria sensação. Se este for o caso estamos nos distanciando do uso ordinário da linguagem e adotando, portanto, um procedimento nascido de uma distorção gramatical que nos leva para fora da realidade.

O mesmo procedimento, de crítica à primazia do próprio caso, deve ser assumido para a totalidade do conjunto de conceitos psicológicos. Sentimentos como *pensar, compreender, imaginar, ter desejo, etc.*, estão sujeitos à mesma dinâmica. Se alguém insiste em conferir a eles uma expressão a partir do próprio caso, está desconhecendo que a função principal da linguagem é a comunicação e que o sentido privado das palavras carece de significado. O caráter público da linguagem se opõe à primazia da experiência privada e é nesta condição que Wittgenstein centraliza sua investigação sobre os conceitos psicológicos.

A crítica ao enfoque egocêntrico redimensiona a análise de elementos que parecem ter sido os fundamentos basilares de aportes psicológicos através dos tempos. A referência a um eu, a uma linguagem como expressão da primeira pessoa e ao solipsismo expõem toda a sua fragilidade e com ela, as pretensões dos enfoques racionalistas, empiristas e fenomenistas de fundar a Ciência da Psicologia. Contra elas Wittgenstein procura mostrar que os conceitos psicológicos são usados e aprendidos no contexto dos jogos de linguagem evitando, assim, a confusão gramatical nascida da tendência visível em tomá-los como puramente subjetivos.¹⁷ O autor também deixa evidente que a insistência na primazia do próprio caso desconsidera a experiência de outras pessoas, fator básico na descrição de comportamentos: sabemos, mostra o filósofo, que é pela experiência de outrem que conseguimos fixar e reconhecer nossas experiências como próprias e pessoais. De que modo a crítica ao enfoque egocêntrico adquire sua força? É evidente, em seus últimos textos, a pretensão de dissolver os erros vinculados à primazia do próprio caso e, conseqüentemente, ao solipsismo.

A Psicologia, assim como outras instâncias humanas padece de uma enfermidade que tem origem no modo como são utilizados os conceitos psicológicos. A doença é fruto do modo como usamos a linguagem. No contexto de sua visão pragmática da linguagem, Wittgenstein reafirma a

¹⁷ WITTGENSTEIN, 1994a, p. 116.

identidade da filosofia como uma atividade terapêutica possuidora de um caráter descritivo. Seu objetivo é esclarecer o pensamento por meio da tarefa de análise da linguagem sem, contudo, alterar as coisas:

A filosofia de fato, apenas apresenta as coisas e nada esclarece nem nada deduz. – E uma vez que tudo está a vista, também nada há a esclarecer. Poder-se-ia também chamar Filosofia o que é possível antes de todas as novas descobertas e invenções (WITTGENSTEIN, 1994a, p. 126).

Se no *Tractatus* o objetivo do esclarecimento estava centrado sobre a lógica do pensamento que deveria refletir fielmente os fatos, nas *Investigações Filosóficas* se volta para o jogo de linguagem adequado em seu lugar gramatical. É preciso dissolver as perplexidades nascidas do uso inadequado da linguagem. O uso inadequado nos enfeitiça e nos confunde, apresentando-nos jogos de linguagem com semelhanças enganosas.¹⁸

Características do plano para o tratamento dos conceitos psicológicos

Nos *Bemerkungen*, escritos entre 1947 e 1948, Wittgenstein expõe, como dissemos, seu plano para o tratamento dos conceitos psicológicos. Tal plano é exposto de forma esquemática e revela traços relevantes de sua posição sobre o psicológico. Torna explícito seu conteúdo com os seguintes traços:

Plano para o tratamento dos conceitos psicológicos. Os verbos psicológicos caracterizados pelo fato de que a terceira pessoa do presente deve ser verificada mediante observação, já a primeira não. Frases na terceira pessoa do presente: informação. Na primeira pessoa do presente: expressão (não de todo correto). A primeira pessoa do presente tem finalidade na expressão. Sensações: suas relações internas e analogias. Todas têm duração autêntica. Possibilidade de indicar o princípio e o fim. Possibilidade de simultaneidade, de coincidência temporal. Todas têm graus e mesclas qualitativas. Grau: apenas perceptível-insuportável. Neste sentido não existem sensações de posição ou de movimento. Lugar da sensação no corpo: distingue o ver e o ouvir das sensações de pressão, temperatura, gosto e dor (WITTGENSTEIN, 1994a, v. II; WITTGENSTEIN, 1989a, p. 472).

¹⁸ WITTGENSTEIN, 1994, p. 224.

Posteriormente, em outra passagem o filósofo acrescenta algo mais ao quadro traçado, permitindo diferenças significativas entre emoções e sensações. Nele aparecem traços que Wittgenstein considera com maior atenção. Ele mesmo se encarrega de advertir que é uma:

continuação da classificação dos conceitos psicológicos: as emoções. O comum entre elas: duração autêntica, um transcurso (o nojo toma, diminui, desaparece; da mesma maneira que a alegria, a depressão o temor). Diferença com as sensações: não estão localizadas (nem sequer difusamente). Comum: tem um comportamento expressivo característico (expressão facial). Daí pode ser derivado: também sensações características (a voz carregada de lágrimas). Mas tais sensações não são as emoções. Entre as emoções se poderiam distinguir as dirigidas e as não dirigidas. Temor diante de algo, alegria por algo. Este algo é o objeto, não a causa da emoção (WITTGENSTEIN, 1975, p. 148; WITTGENSTEIN, 1989a, p. 488).

Como se pode observar, além de distinguir entre sensações e emoções e assinalar a assimetria entre a primeira e a terceira pessoa, também expressa a diferença entre as sensações e a partir destas das emoções. Wittgenstein aponta assim mesmo uma série de traços de tais conceitos (entre eles, a duração, o grau ou intensidade, localização corporal, a expressão de comportamento característica e a relação com seu objeto). Este plano, ou também, esta classificação dos conceitos psicológicos é desenvolvido de um modo parcial e assistemático, mas proporciona pista que se completam em outras obras de onde se pode extrair conclusões relevantes. Este plano expõe uma mostra da preocupação de Wittgenstein pelo psicológico em si mesmo considerado.

Alguns autores assinalam com propriedade que a maneira como são considerados os conceitos psicológicos nos *Bemerkungen* difere notadamente do tratamento dado nas *Investigações*, pois nesta obra a análise de tais conceitos aparece ligada a temas estreitamente conectados com o problema do significado, tais como a possibilidade de uma linguagem privada ou o seguimento de uma regra. Por sua vez, nos *Bemerkungen* toma os conceitos psicológicos sem referência a problemas concretos do significado, ou seja, como tais conceitos psicológicos. Isso indica que o autor vai lentamente se inclinando para o tratamento específico do psicológico, isto é, a um ponto de vista não tão apegado ao uso da linguagem como nas *Investigações*.

Wittgenstein sugere que os conceitos psicológicos de nossa linguagem nem sempre captam a diferença de matizes que nos mostram a peculiaridade de seus usos: prestam-se geralmente a diversas interpretações. Na análise do termo *esperar* explicita:

Dizemos espero-o quando acreditamos que vai chegar, mas seu lugar não nos ocupa (Espero-o significaria aqui ficaria surpreso se não chegasse - e a isto não se chamaria a descrição de um estado anímico). Mas também dizemos espero-o quando isto quer dizer: eu o aguardo. Poderíamos imaginar uma linguagem que nestes casos usaria conseqüentemente diferentes verbos ou, também, mais de um verbo nos casos em que falamos crer, ter uma esperança, etc. Os conceitos desta linguagem seriam, quem sabe, mais apropriados para uma compreensão da psicologia que os conceitos de nossa linguagem (WITTGENSTEIN, 1994a, p. 577).

A intenção de Wittgenstein ao descrever o uso dos termos psicológicos difere do que se pode considerar uma “descrição” dos fenômenos, tal como faz com frequência a Ciência da Psicologia. Diferentemente do que acontece nesta última, seu interesse é dirigido para a consideração dos conceitos tal como os usamos para falar da psique de outras pessoas e de nossa própria em vez de se deter sem mais no fenômeno que aparece.

A visão wittgensteiniana da filosofia como análise conceitual faz com que seu estudo seja uma analítica dos conceitos presentes na linguagem, assim devendo tomar seu trabalho sobre a Psicologia como o esclarecimento conceitual de um campo concreto. Tal objetivo, esclarecer os conceitos, se funde perfeitamente com o modo como o autor vê o significado, que está presente na base de sua Filosofia. Mas a análise feita pelo filósofo apresenta outras particularidades de vital importância. Em primeiro lugar, Wittgenstein não busca a elaboração de uma taxionomia completa de todos os conceitos psicológicos; isto porque seu olhar não se dirige à completude, uma vez que não pretende elaborar uma sistemática de tais conceitos; seu intento é talvez menos ambicioso: consiste em propor analogias e semelhanças entre eles. A seu juízo, as analogias e as semelhanças são as que proporcionam luz ao tratamento correto dos conceitos psicológicos: “O tratamento de todos estes fenômenos da vida mental não é importante para mim porque pretenda ser completo, mas porque

para mim, cada um deles lança luz sobre o tratamento correto de todos os outros”.¹⁹

Seu propósito se centraliza preferencialmente em mostrar dessemelhanças e paralelismos. Antes da busca de exatidão, Wittgenstein assinala o intuito de apresentar uma visão sinótica (panorâmica)²⁰ da genealogia dos fenômenos psicológicos. Desta forma, para o estudo dos conceitos psicológicos, da mesma maneira que acontece com outras partes de sua filosofia, se aproxima da análise do referente à gramática. Assim, descobrir semelhanças entre semelhanças de família só é possível se possuímos uma visão sinótica da gramática entendida no sentido que lhe atribui o filósofo. Wittgenstein esclarece que:

uma das fontes principais de incompreensão reside no fato de não termos uma visão panorâmica do uso de nossas palavras. A nossa gramática não se deixa ver panoramicamente. A representação panorâmica facilita a compreensão, a qual de fato consiste em vermos as conexões. Daí a importância de se encontrar e de se inventar termos intermédios. O conceito de representação panorâmica tem para nós um significado fundamental. Designa a nossa forma de representação, a maneira como vemos as coisas (isto uma maneira de ver o mundo?) (WITTGENSTEIN, 1994a, p. 122).

Além disso, Wittgenstein insiste em que não possuir uma visão de conjunto é fonte de uma prisão filosófica. Pode acontecer que estabeleçamos regras, realizemos taxionomia de conceitos, tencionemos dar um significado exato a uma palavra etc. e, no entanto, pode ser que nos esqueçamos de uma visão de conjunto. Ele chama a atenção para esta possibilidade:

estipulamos regras, uma técnica, para um jogo e depois, ao seguirmos as regras, as coisas não se passam como tínhamos suposto, Estamos como que presos em nossas próprias regras. É esta prisão nas nossas regras que queremos compreender, isto é, ter dela uma visão panorâmica (WITTGENSTEIN, 1994a, p. 125).

Isto lança luz sobre nosso conceito de significar redefinindo nossa compreensão dos conceitos psicológicos.

¹⁹ WITTGENSTEIN, 1989a, p. 465; WITTGENSTEIN, 1975, v. II, p. 311.

²⁰ WITTGENSTEIN, 1989a, p. 464.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Wittgenstein não parece buscar um modo de proceder em Psicologia que oportunize soluções dos problemas e anomalias no interior de tal Ciência. Busca somente tornar visível panoramicamente a problemática que nos inquieta dentro da Psicologia. Não existe de sua parte, intenção de completude ou de busca de uma significação exata. Junto com isto cabe apontar outra constante no tratamento wittgensteiniano dos conceitos psicológicos, a saber: **estes têm seu lugar em nossa vida**. Estão enraizados em nossa linguagem cotidiana, em nossa linguagem ordinária. Não são conceitos construídos para nossos propósitos.

REFERÊNCIAS

- WITTGENSTEIN, L. **Philosophische Bemerkungen**. Oxford: Blackwell, 1964.
- _____. **Philosophical Remarks**. Tradução de A. Hargreaves y R. White. Oxford: Blackwell, 1975.
- _____. **Zettel**. Lisboa: Edições 70, 1989a.
- _____. **Lecciones y conversaciones sobre estética, psicología y creencia religiosa**. Buenos Aires: [s.n.], 1989b.
- _____. **Investigações filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1994a.
- _____. **Tractatus lógico-philosophicus**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1994b.
- _____. **Últimos escritos sobre filosofía de la psicología**. Madrid: Tecnos, 1998. v. 1 e 2.
- _____. **Lecciones de filosofía de la psicología 1946-1947**: apuntes de P. T. Geach, K. J. Shah y A. C. Jackson - P. T. Geach (ed.) Madrid: Alianza, 2004.

Recebido: 10/12/2008

Received: 12/10/2008

Aprovado: 04/03/2009

Approved: 03/04/2009